

## TIPO E TIPOLOGIA NA PALAFITA AMAZÔNICA DA CIDADE DE AFUÁ

Ana Kláudia Perdigão

**Como citar esse texto:** PERDIGÃO, A. K. A. V. Tipo e tipologia na palafita amazônica da cidade de Afuá. V!RUS, São Carlos, n. 13, 2016. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus13/?sec=4&item=2&lang=pt>>. Acesso em: 00 m. 0000.

**Ana Kláudia de Almeida Viana Perdigão** é Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Professora Associada II da Universidade Federal do Pará (UFPA). Estuda planejamento, processo projetual e habitação.

### Resumo

Aborda-se a palafita amazônica da cidade de Afuá (PA) como resistência à extinção da tradição cultural ribeirinha. Propõe-se uma análise tipológica por meio do *tipo* e da tipologia, baseada em aspectos topológicos e geométricos, respectivamente. A análise conjunta do tipo e da tipologia contribui operativamente para que análise e proposição associadas à vivência e à aparência dos espaços propiciem melhor compreensão da adaptação e bem estar do morador da região. Os resultados evidenciam um modo peculiar de produção e de apropriação do espaço com a manifestação de valores locais do ambiente construído descritos pelo *tipo* na *proximidade* com o rio e com a floresta, na *continuidade* entre estiva privada, avarandado, casa, quintal, etc, e na *sucessão* com a presença de espaços de transição entre a estiva pública e a casa, bem como descritos pela tipologia, confirmando a volumetria, as proporções entre as partes e o todo, além do destaque de elementos como empenas, portões de acesso e elementos de fachada. A análise tipológica apresentada aproxima saberes intelectuais e populares e proporciona categorias de análise que permitem identificar condicionantes de projeto não tradicionais para a produção de ambientes mais condizentes com a vida amazônica fortalecendo os códigos profissionais da arquitetura.

**Palavras-chave:** Palafita; Tipo; Tipologia; Amazônia; Habitação.

## Introdução

A Amazônia concentra em seu histórico de ocupação a submissão por uma ordem fabricada, estrangeira à ordem de vida que nela habita. Os valores externos, alheios à região, se sobrepõem até mesmo através da população local, ficando ainda mais crítico quando tal fabricação ocorre com os profissionais locais voltados contra a cultura amazônica. Quando a arquitetura como campo de conhecimento assume que o melhor vem apenas de fora, um pensamento arcaico se instala e traz conflitos espaciais, visto que polariza, saber popular e saber intelectual, não contribuindo para a integração de saberes locais.

Situações recentes confirmam o perigo de uma ordem fabricada, tais como a intervenção para a revitalização do Complexo do Ver-o-Peso e o projeto para uma nova ocupação do prédio das Onze Janelas, ambos na área do Centro Histórico de Belém. Tanto a concepção do projeto arquitetônico quanto a mudança de uso em prédio de importância arquitetônica, histórica e artística, respectivamente, motivaram mobilizações por parte da sociedade, com manifestações técnicas de conselhos estaduais e outros, demonstrando em que medida as decisões arquitetônicas oferecem resistência às distorções provenientes de forças dominantes em oposição à cultura amazônica.

Os episódios de resistência ocorreram em áreas da cidade com poder constituído pela sociedade civil organizada, em contrapartida ao poder público. O mesmo não ocorre atualmente com a produção do habitat amazônico em programas habitacionais em curso. A cultura amazônica vem se deformando frente às forças que lutam contra a tradição e modo de vida tão peculiarmente estabelecido na região. Estes descaminhos inspiraram a composição da música "Belém Pará Brasil" na década de 80, apresentada na Figura 1, pelo então vocalista da banda de rock Mosaico de Ravena, Edmar Idálio da Rocha, estudante de arquitetura da UFPA e morador da cidade Velha onde se iniciou a cidade de Belém.

*Boas notícias para tempos difíceis* é uma chamada que estimula a discussão e a reflexão no campo da arquitetura sobre o habitat amazônico, abordando-se a palafita como resistência à extinção da tradição cultural da casa ribeirinha. Um contexto que prescinde de instrumento analítico como apoio ao pensamento de natureza operativa, pela discussão das representações espaciais na gênese arquitetônica topológica e geométrica, a favor do reconhecimento do vocabulário popular local para apoiar o caminho de volta "às coisas da terra" na produção do ambiente construído pelo meio profissional. A reprodução de palafitas na cidade de Afuá (PA) é uma fonte incontestável de manifestação da cultura ribeirinha e do respeito à tradição amazônica.

Por que a palafita?! Porque a discussão entre tipo e tipologia? Quais as contribuições das palafitas construídas em Afuá na Ilha do Marajó (PA)? São questões que aguardam respostas para contestar arquitetonicamente algumas distorções que estão além da arquitetura. Dados estatísticos acerca do cotidiano de vida de comunidades amazônicas, tendo como referência o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), não expressam a realidade ao classificar oito municípios marajoaras como os piores lugares para se viver no país, pois trata-se de uma matriz avaliativa das políticas públicas no Brasil sustentada pela lógica eurocentrada, urbana, letrada e globalizadora, que não levam em consideração a diversidade geohistórica e sociocultural da região (SIMÕES, 2014).

### Belém Pará Brasil

Vão destruir o Ver-o-Peso  
Pra construir um Shopping Center  
Vão derrubar o Palacete Pinho  
Pra fazer um Condomínio  
Coitada da Cidade Velha,  
que foi vendida pra Hollywood,  
pra ser usada como albergue  
no novo filme do Spielberg

Quem quiser venha ver  
Mas só um de cada vez  
Não queremos nossos jacarés tropeçando em  
vocês

A culpa é da mentalidade  
Criada sobre a região  
Por que é que tanta gente teme?  
Norte não é com M  
Nossos índios não comem ninguém  
Agora é só Hambúrguer  
Por que ninguém nos leva a sério ?  
Só o nosso minério

Quem quiser venha ver  
Mas só um de cada vez  
Não queremos nossos jacarés tropeçando em  
vocês

Aqui a gente toma guaraná  
Quando não tem Coca-Cola  
Chega das coisas da terra  
Que o que é bom vem lá de fora  
Deformados até a alma  
sem cultura e opinião  
O nortista só queria fazer  
parte da Nação

Ah! chega de malféituras  
Ah! chega de tristes rimas  
Devolvam a nossa cultura!  
Queremos o Norte lá em cima!  
Por quê? Onde já se viu?  
Isso é Belém!  
Isso é Pará!  
Isso é Brasil!

Fig. 1: Música "Belém Pará Brasil", autoria: Arq. Edmar Idálio da Rocha / Mosaico de Ravena. Fonte: Mosaico de Ravena. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=8r\\_2NX6aB0k](https://www.youtube.com/watch?v=8r_2NX6aB0k)>. Acesso em 25.set.2016.

Além de avaliações realizadas por indicadores pouco alinhados com a vida amazônica, temos os dilemas internos a serem resolvidos. O Brasil é um país com extenso território e variedade cultural e que ainda é desconhecido por muitos brasileiros. A realidade local é muitas vezes pouco conhecida inclusive para a totalidade dos habitantes da região. O interesse de abordagem sobre a palafita visa ampliar a discussão sobre uma tipologia recorrentemente avaliada como sendo uma edificação precária do ponto de vista construtivo, em contraponto a uma tipologia decisiva, aceita e culturalmente reproduzida nos solos alagados e alagáveis da região norte.

Marcadamente, o contexto amazônico tem sido fragilizado e até certo ponto hostilizado, associando palafita com a total condição de precariedade, um pensamento generalista que traz implicações distorcidas no âmbito das políticas habitacionais, visto que são válidas para todo o país. A decomposição do senso de precariedade apoiariam ações mais efetivas ao se considerar que uma parte está relacionada ao saneamento e outra ao espaço. No campo disciplinar da arquitetura, o espaço é o foco de interesse, para o qual se direcionam a produção de conhecimento para a concepção e a constatação de que o saber popular local é de grande importância para a compreensão do habitat amazônico. A arquitetura espontânea, anônima, construída sem arquitetos, configura a fisionomia da cidade ao revelar com linguagens e expressões, o significado do lugar e o ambiente onde foi construída, a arquitetura vernacular (BARDA, 2009). E, assim, tem se estabelecido a cultura ribeirinha na Amazônia, com seus traçados, suas ruas, suas casas, sua vida, os quais expressam com sabedoria seu modo de habitar.

O padrão rio-várzea-floresta é a ocupação tradicional da Amazônia, preponderante até os anos 60 do Séc. XX, a partir do qual foi se consolidando um outro padrão de ocupação, estrada-terra firme-subsolo (GONÇALVES, 2010). A palafita é o modelo de edificação que traduz o padrão tradicional, respeitando as massas d'água, o ciclo

das marés, o modo típico da morada amazônica. A rede hidrográfica na Amazônia é um poderoso condicionante para a ocupação do território (PONTE, 2007).

O conhecimento depositado na produção do ambiente construído, preponderantemente popular, como ocorre na produção das palafitas, oferece soluções próprias de um saber intuitivo em conexão com as condições ambientais da Amazônia. Trata-se, portanto, de uma produção orgânica, de fácil adaptação espacial pelos usuários. Contudo, na prática corrente da arquitetura, via de regra, o processo de concepção tem sido distanciado da vivência espacial, dos modos de adaptação realizados pelo usuário, sem que os mesmos sejam reconhecidos e sirvam de referência.

Dessa forma, uma importante manifestação cultural amazônica, a arquitetura ribeirinha e sua espacialidade, não tem sido decodificada pelo conhecimento formal da arquitetura, sendo que a espacialidade é parte integrante da natureza do ser. O ser é espacial. O espaço é, portanto, constitutivo da existência humana, pertence à essência do ser. Ele não é apenas funcional, racional ou simbólico. Sendo existencial, ele é tudo isso, uma vez que incorpora as necessidades, expectativas e desejos que fazem parte da existência humana (MALARD, 2006).

A aproximação entre o conhecimento popular e o conhecimento formal no campo da arquitetura (DEL RIO, 1998; KUHN, 1970) é um caminho fértil para revigorar a resistência à extinção de soluções do conhecimento popular pelo conhecimento intelectual. Entende-se que o campo da arquitetura é aquele campo capaz de chegar ao sucesso integrativo de saberes no que se refere ao habitat amazônico.

O conhecimento formal abrange pressupostos definidores de um ambiente adequado e adaptado ao usuário final. Nesta direção, o aprimoramento e conhecimento da vida espacial no meio profissional e científico pela produção de conhecimento sobre as soluções da arquitetura sem arquitetos (RUDOLFSKY, 1964) que aprimoram uma vivência espacial satisfatória, são fontes importantes de estímulo para revigorar o campo da arquitetura. O valor da arquitetura vernacular (OLIVER, 2006) é inquestionável, porém o maior desafio está na elaboração de estratégias de compartilhamento deste conhecimento e sua consequente incorporação ao processo de projeto, de modo a impulsionar a assimilação do saber popular pela produção formal de arquitetura. Para tanto, entende-se que a projetualidade dialoga com a espacialidade no sentido de incorporar o uso espacial aos processos cognitivos e operativos da concepção arquitetônica, como estratégia do compartilhamento de saberes.

Assim sendo, a discussão tipológica estimula um caminho profícuo para que o pensamento projetual se revigore com avanços cognitivos e operativos. O investimento do raciocínio analógico como mecanismo de concepção (CHUPIN, 2013), primeiro entre a reprodução das palafitas onde as analogias são claramente percebidas, em segundo nos métodos de projeto (MAHFUZ, 1984). Isto porque todo projeto arquitetônico tem um aspecto tipológico, seja no sentido de que o arquiteto busca conscientemente aproximar-se de um tipo<sup>1</sup> ou afastar-se dele, seja no sentido de que toda obra arquitetônica visa, definitivamente, colocar-se como um *tipo* (ARGAN, 2001). A catalogação de tipos, então, seria um mecanismo estimulante para o pensamento arquitetônico voltado à prática projetual, ainda que menos usual e invisível, considerando a tradição da visibilidade referente à tipologia em sua representação geométrica.

O caso da cidade de Afuá (PA) é emblemático para análise da palafita amazônica entre tipo e tipologia, pois o respeito ao lugar se reflete na manifestação da palafita como forte resistência à extinção de uma cultura arraigada ao ambiente natural,

avessa aos apelos do consumo e à da chamada “modernidade” que chega com os valores dos grandes centros urbanos e mais recentemente pela internet, não contaminaram a vida local devido ao valor atribuído à cidade e ao modo de vida instalado. Afuá vem se mantendo fiel à tradição de um modo de vida que tanto lhe faz peculiar. Os sinais são evidentes pela cidade, conforme mostrado na Figura 2. Observa-se uma placa “não passe por cima”, e não há como deixar de associar a um aviso dizendo “-não passe por cima de nossos hábitos e costumes, nós nos orgulhamos deles”.

A formosa Afuá, um de seus adjetivos, tem suas defesas de proteção firmes. A paisagem da cidade impressiona, manifestando como edificações em palafita podem diferir da imagem atribuída à precariedade, à favela, ao caos. A cidade suspensa apresenta explicitamente uma ordem própria, um senso de identidade marcante e um bem estar reconfortante observados no semblante das crianças, jovens, adultos e idosos, especialmente registrados quando realizou-se em agosto de 2016 uma oficina com a população local relacionada à concepção arquitetônica do Fórum Eleitoral da 16ª zona em Afuá referenciada por soluções espaciais e construtivas locais, onde constatou-se a consciente valorização e satisfação por sua história, tradições e modos de vida (PASSOS NETO, 2016).

Uma observação rápida é capaz de captar o espírito da cidade, o orgulho dos jovens por seu lugar e pelas peculiaridades que a população aproveita cotidianamente, a cidade frutifica experiências sensoriais e visuais, enriquecendo as soluções espaciais em termos topológicos e geométricos, entre ambiente natural e ambiente construído. Provoca uma vibrante experiência de cidade para ser usufruída.



Fig. 2: Cenas de Afuá, Ilha do Marajó, Pará. Fonte: Kláudia Perdigão, 2016.

A análise arquitetônica da palafita tanto pelo tipo quanto pela tipologia se mostra pertinente para o fortalecimento do pensamento sobre a gênese do projeto de arquitetura. A manifestação da palafita na cidade de Afuá, especialmente apoiada pela vivência espacial e com forte identidade pelo conjunto de soluções culturalmente construídas, é um caso emblemático da vida ribeirinha na Amazônia, aprovada pela rica variedade de espaços em palafitas, como a mais pura expressão de uma “cidade suspensa” no norte do Brasil.

### Tipo e tipologia

A análise conjunta do tipo e da tipologia contribui operativamente para que análise e proposição associadas à vivência e à aparência dos espaços propiciem melhor compreensão da adaptação e bem estar do morador da região. Em termos projetuais, o tipo está longe de ser um tema esgotado (PERDIGÃO, 2009). O tipo se constitui em fundamento epistemológico uma vez que nos proporciona um instrumento analítico e operativo. O tipo preside os processos hermenêuticos e os processos de formalização. Apresenta uma dupla vertente, fundamentando e instrumentalizando tanto os processos de conhecimento como os de criação

(TRACHANA, 2011). Por isso a importância de sua análise conjunta com a tipologia, mais tradicionalmente adotada na análise arquitetônica.

A discussão tipológica, entre tipo e tipologia, refere-se ao contexto das representações espaciais pela definição do ponto de partida (PERDIGÃO; BRUNA, 2009), nas quais o tipo encontra-se no âmbito das relações espaciais e melhor descrito por representações topológicas, enquanto que a tipologia, o modelo da coisa espacial, é melhor descrita por representações geométricas. A geometria revela um aspecto manifesto e percebido dos objetos – ela tem uma forma, é vista em pontos, linhas e superfícies – a topologia é menos visível. De fato, as características topológicas decorrentes do arranjo espacial de um objeto arquitetônico, seja edifício ou situação urbana, são invisíveis em sua totalidade (AGUIAR, 2010).

A tipologia arquitetônica é relacionada à dimensão histórica e aos mecanismos de projeto. Com o intuito acadêmico, tipo e modelo apresentam recorrência de abordagem na arquitetura (MONTANER, 2001). Recorre-se aos sistemas de representação espacial topológico e geométrico associados aos métodos de projeto sistematizados por Mahfuz (1984). O método tipológico usa analogias com o tipo no sistema topológico enquanto o mimético refere-se ao uso de analogias com o modelo/tipologia no sistema geométrico.

O conhecimento operativo do projeto de arquitetura através da análise da palafita em termos topológicos e geométricos, além de permitir uma atuação mais direcionada ao atendimento de vários níveis, escalas, e olhares sobre a natureza do espaço arquitetônico, permite também a compreensão dos vários níveis de necessidades próprias ao ciclo de desenvolvimento humano, dadas pelas interações do ser humano com seu ambiente (PIAGET; INHELDER, 1948; MUNTAÑOLA, 2000), visto que no período de dois a sete anos estabelece relações de natureza topológica e projetiva, ainda sem conseguir realizar as operações propriamente lógicas como a percepção de esquemas geométricos.

Propõe-se que a análise tipológica por meio do tipo seja realizada em termos topológicos a partir das categorias de análise *proximidade*, *continuidade* e *sucessão*, desenvolvidas com base na teoria do espaço existencial apresentada por Norberg-Schulz (1971) e que a análise tipológica por meio de tipologia seja realizada em termos geométricos, apoiada no pensamento de Argan (2001) considerando o todo, as partes e as partes significativas.

A análise pelo tipo incorpora abstrações e esquemas elementares de organização com o estabelecimento de centros ou lugares (proximidade), direções e caminhos (continuidade) e áreas ou regiões (sucessão), são relações topológicas captadas pelo ser humano que fortalecem seu senso de orientação como parte do espaço existencial e, como mencionado anteriormente, os esquemas geométricos vem mais tarde, no ciclo de desenvolvimento humano (NORBERG-SCHULZ, 1971). O *tipo palafita amazônico* relacionado aos programas habitacionais envolvendo remanejamento e reassentamento de famílias em ações governamentais na cidade de Belém, foi elaborado por Menezes (2015).

A análise da tipologia arquitetônica é aqui definida pela conceituação de Argan (2001), que abrange configurações inteiras de edifícios (o todo), os grandes elementos construtivos (as partes) e os elementos significativos (partes significativas). Em concordância com Argan (2001), insere-se a tipologia conforme abordada nos métodos de projeto sistematizados por Mahfuz (1984), adotando-se a análise de modelo/tipologia em palafita com base no método mimético. Ou seja, adapta-se a conceituação de Argan (2001) ao pensamento projetual de Mahfuz

(1984) a fim de que as categorias analisadas possam também desempenhar um papel operativo no processo de projeto, ou seja, elementos físico-espaciais funcionando como a manifestação das variações do tipo.

### **Palafitas de Afuá (PA): tipo e tipologia**

As palafitas refletem a vida amazônica na cidade de Afuá. Localiza-se na parte ocidental, ao norte da Ilha do Marajó (PA), distante cerca de 254 Km da Cidade de Belém (PA), conforme Figura 3. O município possui uma área total de 8.372.795 Km<sup>2</sup>, sendo 1,7Km<sup>2</sup> de área urbana. Com população de 37.398 habitantes dos quais 73% vivem em pequenos vilarejos ribeirinhos (IBGE, 2015). O acesso à Afuá tem duração de duas a quatro horas, com saída do porto de Macapá (AP) e de 36 horas com saída do porto de Belém (PA).



Fig. 3: Localização de Afuá (PA). Fonte: Arquivos LEDH, 2016.

O traçado urbano de Afuá apresenta uma configuração orgânica, em harmonia com as condições naturais e o modo de vida local. A cidade foi crescendo de forma espontânea e irregular, formando combinações de malhas abertas e fechadas, com vias principais e secundárias, interligando os Bairros Central e o Capim Marinho, separados pela pista de pouso do Aeroporto de Afuá (MONTEIRO, 2015), conforme Figura 4.



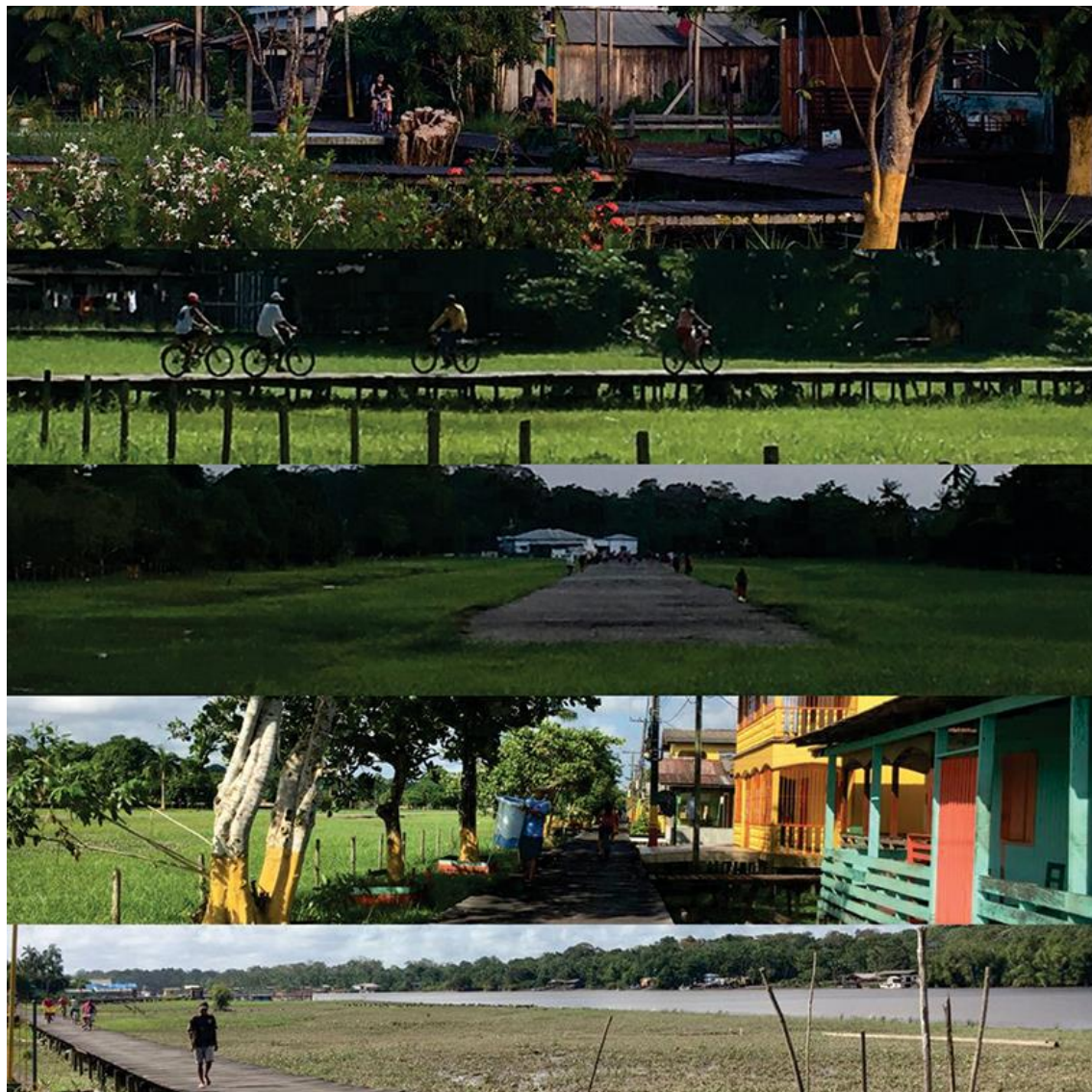


Fig. 4: Pista de pouso do aeroporto no limite dos bairros Capim Marinho e Centro. Fonte: Kláudia Perdigão, 2016.

A principal característica da cidade é que ela não interrompe o ciclo das águas dos rios que a circundam. Assentada em área de várzea, as edificações e espaços públicos estão erguidos até dois metros do solo, em média. Além dos alagamentos controlados pela suspensão da cidade, Afuá está sujeita a alagamentos mais críticos quando a cada três anos a cidade fica imersa nas águas dos rios. A conformação de cidade sobre palafitas e circulação de pessoas realizadas sobre estivas, a cidade não admite carros e motocicletas. Todo transporte de passageiro e de carga, além de serviços urbanos, realizado por meio de bicicleta, um meio de transporte ativo, não motorizado.

Observa-se um enorme respeito entre o cidadão afuaense e seu entorno natural e construído, como bem descreve o poeta paraense Paes Loureiro (1995, p. 235) “o caboclo observa, analisa, conhece, destaca, valoriza, sente, humaniza, estetiza, em sua relação geográfica antológica com a vida. Vive com a paisagem na relação de complementaridade”. Para Pinheiro *et al.* (2012), o homem da região criou um mundo todo especial onde a cultura favorece como marco de sua existência e de sua resistência, através dos tempos.

A análise tipológica concentrará a demonstração das soluções adotadas nas palafitas de Afuá, descritas pelo *tipo* e pela tipologia. O *tipo palafita amazônico* pela relação de proximidade que exerce com o ambiente natural se evidencia ainda mais em áreas menos adensadas, pelo contato com o rio e com a floresta, configurações típicas das cidades amazônicas, as chamadas 'Cidades na Floresta' (TRINDADE JUNIOR, 2010).

### **Tipo palafita amazônico: qualidades topológicas**

O *tipo palafita amazônico* é caracterizado a partir de qualidades topológicas desenvolvidas por Norberg-Schulz (1971), sendo destacadas as relações de proximidade, de continuidade e de sucessão, para descrever a relação da edificação com o ambiente natural e entorno, bem como o interior das edificações (MENEZES, 2015; MENEZES; PERDIGÃO; PRATSCHKE, 2015). As relações de *proximidade* referem-se ao contato com o ambiente natural, o rio e a floresta, enquanto que as relações de *continuidade* envolvem a presença do sistema mata-rio-roça-quintal (LOUREIRO, 2001) e, por fim, a relação de sucessão aponta para os espaços de transição entre a edificação e o entorno construído.

Para a descrição do *tipo palafita amazônico* de Afuá, as relações de proximidade, de continuidade, e de sucessão, serão analisadas apenas a partir da relação da edificação com o entorno, nos bairros Centro e Capim Marinho. Essas relações nos dois bairros já demonstram diferenças bem marcadas na relação da edificação com o ambiente natural. O Bairro Centro é bem mais adensado e com menos presença de áreas vegetadas de grande porte, mais afeito às transformações construtivas, especialmente nas proximidades da área portuária, bastante diferente do Bairro Capim Marinho.

Para efeito comparativo das diferenças mencionadas, foram selecionadas duas palafitas para análise de qualidades topológicas. Localizadas no Bairro Centro e no Bairro Capim Marinho, conforme Figuras 5 e 6.

Na *relação de proximidade*, entre a edificação com o ambiente natural, observam-se dois aspectos. A relação de proximidade com o rio se dá pela manutenção do livre fluxo das marés, que nos períodos de cheia compõem o entorno próximo das casas suspensas do solo. O segundo aspecto é a presença de vegetação de grande porte especialmente no bairro mais afastado da área portuária, que é muito mais adensada e sujeita às dinâmicas da vida urbana. A *relação de continuidade* se mantém desde a estiva de acesso à palafita até o final, quando as áreas descobertas e cobertas funcionam como quintais suspensos, dando suporte para atividades de geração de renda ao grupo familiar. Quanto à *relação de sucessão*, cabe destacar que em raríssimos casos há um acesso direto da estiva pública para a casa, inclusive no Bairro Centro que é mais adensado. No Bairro Capim Marinho, onde nenhum caso foi registrado de acesso direto da rua para a casa foi registrado entre a estiva pública e a palafita. No Bairro Centro a estiva pública e estiva de acesso à palafita de pequena extensão de corrente do adensamento do bairro enquanto que no Bairro Capim Marinho a estiva privada é de maior extensão. A grande maioria dos casos das palafitas dos bairros Centro e Capim Marinho apresenta um espaço de transição entre a estiva privada e o corpo principal da palafita.

BAIRRO CENTRO	
RELAÇÃO DE PROXIMIDADE	
RELAÇÃO DE CONTINUIDADE	
RELAÇÃO DE SUCESSÃO	

Fig. 5: Análise topológica de palafita, Bairro Centro, Afuá (PA). Fonte: LEDH/PPGAU/UFPA, 2016.



Fig. 6: Análise topológica de palafita, Bairro Capim Marinho, Afuá (PA). Fonte: LEDH/PPGAU/UFGA, 2016.

### Tipologia em palafita amazônica: elementos geométricos

Para análise dos aspectos geométricos, serão utilizadas as mesmas palafitas analisadas em suas qualidades topológicas. Entende-se que tal análise refletirá as variações do *tipo palafita amazônico*, conforme Figuras 7 e 8. O todo é representado pela volumetria da edificação, a relação entre partes e o todo se reflete nas proporções entre alturas da casa e a elevação do solo e também na proporção entre altura e largura no plano de fachada. A distância entre a estiva pública e a palafita, pela estiva privada, também é considerada como uma parte relacionada ao todo da edificação.

O bairro Centro vem apresentando algumas transformações na aparência das palafitas de madeira, com a mudança para lajes de alvenaria e uso de grades, porém as palafitas continuam sendo elevadas do solo através de estacas de madeira, mudanças feitas especialmente na via que acompanha a orla principal da cidade e suas adjacências. A utilização do portão marcando um limite frontal, sem a mesma ênfase dada às laterais, justifica-se pelo controle de acesso à palafita pelas vias principais. Destaca-se que a substituição de estivas de madeira por lajes de concreto ocorre tanto nas estivas principais quanto nas estivas de acesso à palafita. Trata-se de um bairro com acesso facilitado da área portuária através das vias principais da cidade, com mudanças justificadas pela segurança e pela proteção à presença de roedores, devido a grande concentração de pessoas e o acúmulo de lixo nesta área.

A análise geométrica da palafita leva à interpretação de que a volumetria é definida pela consequente espacialidade de uma planta baixa retangular da

edificação, associada a uma volumetria da cobertura de duas águas com telhado aparente. Nas partes em relação ao todo, as proporções entre alturas e larguras não são condicionadas pela área disponível para implantação da palafita, são semelhantes nos dois bairros, com diferenças apenas na distância entre palafita e via pública. Sobre as partes significativas, cabe ressaltar os detalhes da cobertura, as empenas, os acabamentos, os detalhes decorativos, além de bancos, avarandados e detalhes de fachada que apresentam nas casas de madeira um extenso repertório de soluções, os quais permanecem mesmo nas casas de alvenaria no Bairro Centro, e repetidamente têm sido usados nas palafitas do Bairro Capim Marinho, conferindo forte identidade às edificações locais. Os elementos significativos são amplamente reproduzidos em casas de madeira, mesmo sem a pintura colorida das palafitas do Bairro Centro. Há uma riqueza de variações observadas no conjunto de palafitas da cidade de Afuá.

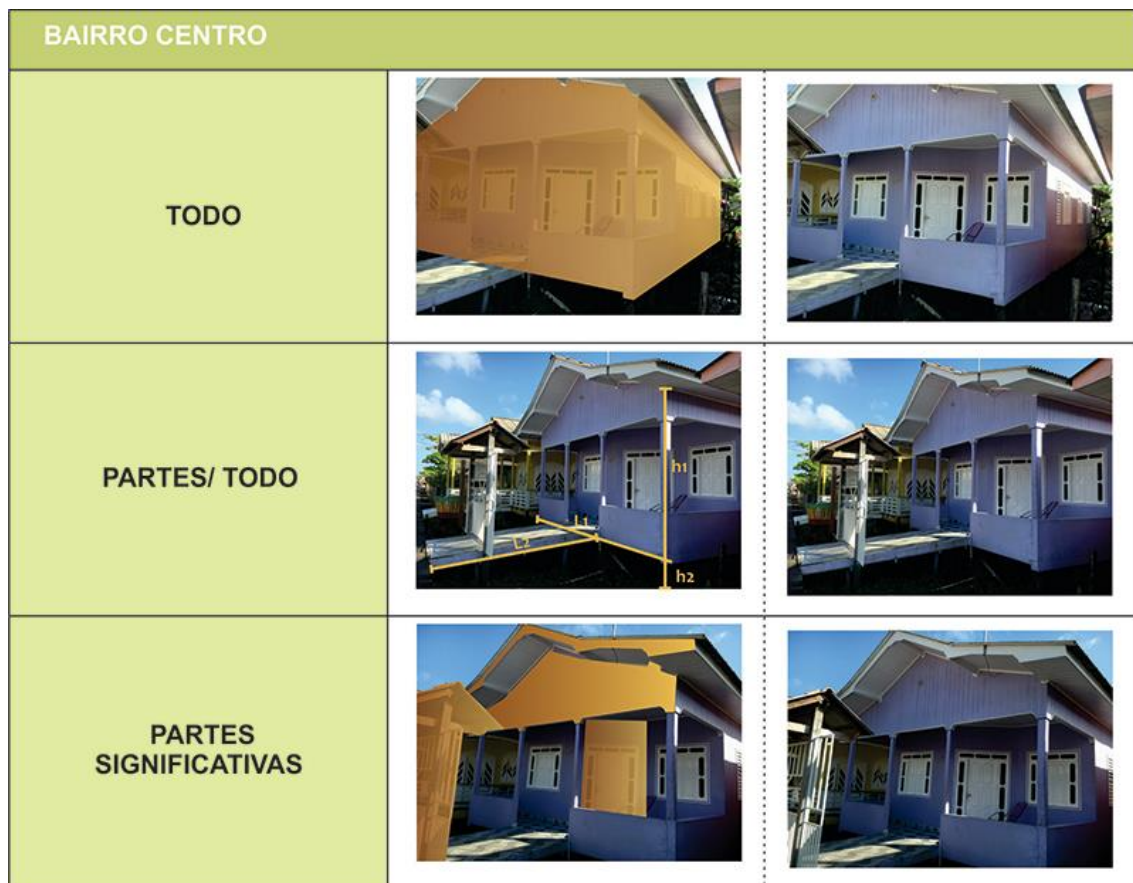


Fig. 7: Análise geométrica de palafita, Bairro Centro, Afuá (PA). Fonte: LEDH/PPGAU/UFGA, 2016.



Fig. 8: Análise geométrica de palafita, Bairro Capim Marinho, Afuá (PA). Fonte: LEDH/PPGAU/UFGA, 2016.

### Considerações finais

*Boas notícias para tempos difíceis* nos estimula e encoraja ao estudo e reflexão sobre como o pensamento e a prática arquitetônica podem dialogar com a manifestação do habitat amazônico socialmente produzido. Neste contexto, a abordagem do tipo e da tipologia por meio da palafita amazônica evidencia um contraponto à hostilidade com a cultura amazônica pela financeirização da vida urbana, decisões do poder público, preconceito profissional, etc, decorrente da pouca valorização da sociedade pelo que foi produzido pelo saber popular.

A cidade de Afuá é um exemplo vivo da valorização da cultura ribeirinha amazônica, uma fonte inestimável para a investigação de novas conexões entre os saberes formal e popular. Na experiência amazônica de habitar, existe um conhecimento intuitivo e um sentimento de pertencimento tão próprios que merecem ser incluídos no saber formal da arquitetura.

A análise tipológica de palafitas construídas na cidade de Afuá implica, declaradamente, na reflexão sobre a importância e a necessidade de integração do saber popular ao conhecimento formal da arquitetura. A polaridade entre *tipo* e *tipologia*, que aqui foram abordados na análise de palafitas, servem como formação de repertório e referências da vida local para uma produção arquitetônica mais alinhada com a cultura Amazônica. A tentativa é de que a reflexão possa acontecer e com ela tipo e tipologia, em análise conjunta, possam subsidiar a gênese do projeto de arquitetura com mais senso de realidade e com a incorporação do saber popular.

As relações topológicas do *tipo palafita amazônico* se reproduzem entre os bairros mais afastados e mais próximos da área portuária, local de principal acesso à cidade de Afuá (PA). Contudo, percebe-se que graças ao maior adensamento no Bairro Centro, as áreas vegetadas são menos abundantes do que no Bairro Capim Marinho. Com relação aos elementos geométricos das partes significativas, as variações são mais visíveis nas palafitas do Bairro Centro, especialmente no que se refere à configuração das varandas e à definição dos limites da vida privada pelo portão de acesso, além da extensão da estiva privada que é menor em relação ao conjunto de estivas observadas no Bairro Capim Marinho. Nos dois bairros, raramente foi observado um acesso direto entre palafita e via pública, visto que ocorre por meio de uma estiva privada. Através de volumes, medidas e elementos de destaque na palafita, os modelos mostram-se variados e condizentes com o princípio gerador, o *tipo palafita amazônico*.

A complexidade do espaço doméstico de demanda social desafia muitos campos do conhecimento científico como a antropologia, a história, a geografia humana, as engenharias, o serviço social, a arquitetura e urbanismo, etc., na busca de respostas a problemas que apenas se transformam, sem que cheguem à solução. Sob o aspecto da natureza projetual, o espaço habitacional apresenta uma abrangência de questões a serem investigadas no campo da arquitetura, entre as escalas urbana e edilícia. Na escala do edifício, é de grande importância as pesquisas científicas que busquem o teste de evidências no uso espacial, para subsidiar a prática arquitetônica.

Constata-se que, mesmo em Afuá, com tanta tradição no modo de vida ribeirinho, a palafita é construída com ainda maior pureza de detalhes em áreas mais afastadas do centro e reservadas aos moradores da cidade, como no Bairro Capim Marinho. A continuidade da tradição construtiva local, demonstrando o respeito e orgulho dedicados à cidade espontânea e seus traços, são mantidos nas novas construções. São palafitas que adotam uma riqueza de relações e de elementos, que aferem uma identidade encantadora, mesmo aquelas com aparência provisória e sem acabamento. Por que será?! “Quem quiser venha ver”.

### Nota

<sup>1</sup>Uma definição muito precisa do tipo em arquitetura é dada por Quatremère de Quincy no seu Dicionário Histórico: “a palavra tipo não representa tanto a imagem de uma coisa a ser copiada ou imitada perfeitamente quanto a ideia de um elemento que deve ele mesmo servir de regra ao modelo [...] quando um tipo se fixa na prática ou na teoria arquitetônicas ele já existe numa determinada condição histórica da cultura, como resposta a um conjunto de exigências ideológicas, religiosas ou práticas (ARGAN, 2001).

### Referências

AGUIAR, D. V. **Alma espacial: o corpo e o movimento na arquitetura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

ARGAN, G. C. **Projeto e Destino**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2001.

BARDA, M. **Espaço (Meta) Vernacular na cidade contemporânea**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CHUPIN, J-P. **Analogie et Théorie en Architecture. Del avie, de la ville e de la conception, même**. Gollo: Infolio, 2013. (Collection PROJET & THÉORIE).

DEL RIO, V. Projeto de arquitetura: entre criatividade e método. In: DEL RIO, Vicente (Org.). **Arquitetura: pesquisa e projeto**. São Paulo: Pro Editores; Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 1998. p. 201-214.



GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

IBGE. **Censo Demográfico**. Estimativa da população residente com data referência 1 de julho de 2014. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=150030&se arch=para|afua|infograficos:-informacoes-completas>>. Acesso em: 21 ago. 2016.

KUHN, T. S. **The Structure of Scientific Revolutions**. 2. ed. Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1970.

LOUREIRO, V. R. Pressupostos do modelo de integração da Amazônia aos mercados Nacional e Internacional em vigência nas últimas décadas: a modernização às avessas. In: COSTA, M. J. J. (Org.). **Sociologia na Amazônia: debates teóricos e experiências de pesquisa**. Belém: UFPA, 2001. p. 47-70.

MAHFUZ, E. C. Nada provém do nada. **Revista Projeto**, São Paulo, n. 69, 1984. p. 89-95.

MALARD, M. L. **As aparências em arquitetura**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MENEZES, T. M. S. **Referências ao projeto de arquitetura pelo tipo palafita amazônico na Vila da Barca (Belém-PA)**. Belém, PA: UFPA, 2015. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, 2015.

MENEZES, T. M. S.; PERDIGÃO, A. K. A. V.; PRATSCHKE, A. O tipo palafita amazônico: contribuições ao processo de projeto de arquitetura. **Oculum Ensaios**, v. 12, p. 237-254, 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3517/351743262004.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

MONTANER, J. M. **Depois do Movimento Moderno: arquitetura da segunda metade do século XX**. Barcelona: Gustavo Gilli, 2001.

MONTEIRO, E. C. **Acessibilidade Espacial nas Calçadas em Estivas no Pará: estudo de caso na Ilha do Combú e na Cidade de Afuá**. Florianópolis, SC: UFSC, 2015. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

MUNTAÑOLA, J. **Topogénesis**. Barcelona: Edições UPC, 2000.

NORBERG-SCHULZ, C. **Existence, space and architecture**. Nova Iorque: Praeger, 1971.

OLIVER, P. **Built to meet needs: cultural issues in vernacular architecture**. Amsterdã: Elsevier, 2006.

PAES LOUREIRO, J. J. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

PASSOS NETO, A. P. **O projeto como objeto de investigação: processo de projeto de arquitetura institucional em Afuá (PA)**. Belém, PA: UFPA, 2016. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, 2016.

PERDIGÃO, A. K. A. V. **Considerações sobre o tipo e seu uso em projetos de arquitetura**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 10, v. 114, p. 257-264, 2009. Disponível





em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.114/14>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

PERDIGÃO, A. K. A. V.; BRUNA, G. C. **Representações espaciais na concepção arquitetônica**. In: PROJETAR 2009: projeto como investigação, 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Alter Market, 2009. (CD).

PIAGET, J.; INHELDER, B. **La représentation de l'espace chez l'enfant**. Paris: PUF, 1948.

PINHEIRO, T.; GÓES, K.; SILVA, M. G.; SILVA, J. **Um modo de produção no espaço ribeirinho: um estudo no Distrito de Nazaré (RO)**. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA. Território em disputa: os desafios da Geografia Agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro, 2012, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia (MG), 2012. Disponível em: <[http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais\\_enga\\_2012/eixo10.html](http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixo10.html)>. Acesso em: 15 ago. 2016.

PONTE, J. P. X. **Cidade e água: Belém do Pará e estratégias de reaproximação das margens fluviais**. Vitruvius: *Arquitextos*, arq085\_02.asp, 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.085/237>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

RUDOFISKY, B. **Architects without architects: a short introduction to nonpedigreed architecture**. Nova Iorque: Museum of Modern Art, 1964.

SIMÕES, V. C. F. **Ideadores de bicitaxi: cartografias de experiências estéticas em modos de viver e fazer bicitaxis na Veneza Marajoara (Afuá-PA)**. Belém, PA: UFPA, 2014. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, 2014.

TRACHANA, A. **Historia e Proyeto: una revisión de los conceptos de Tipo y Contexto**. Buenos Aires: Nobuko, 2011.

TRINDADE JUNIOR, S-C. C. **Cidades na floresta: "os grande objetos" como expressões do meio técnico-científico informacional no espaço amazônico**. Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 51, p. 113-137, mar/set, 2010.